

## O colonialismo e sua produção de corpos

Obra resenhada:

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

Recebido em 24-09-2016

Aceito para publicação 21-03-2018

Jonatha Daniel dos Santos<sup>1</sup>  
Rozane Alonso Alves<sup>2</sup>

A obra *Pele negra, máscaras brancas*, escrita pelo filósofo e psiquiatra Frantz Fanon, inspira análises acerca das formas de superioridades provocadas nas sociedades modernas, principalmente no tocante ao racismo e ao colonialismo que imperou no período posterior à segunda Guerra Mundial, em que realiza sua análise a partir de seus pacientes antilhanos. O autor nasceu na Martinica, em 1925, e faleceu de leucemia, em 1961. Fanon inspirou outros estudiosos e pensadores sobre o colonialismo e o pós-colonialismo a produzirem reflexões acerca da produção do sujeito em meio ao processo colonial.

Conforme salienta Guimarães (2008), as ideias de Fanon começaram a circular ativamente no Brasil durante a estadia de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir no ano de 1960. O autor escreve que “Sartre e Fanon representavam a fusão do antiimperialismo (sic), do anti-racismo (sic), da descolonização e das lutas de classes” (GUIMARÃES, 2008, p.06). Apesar de sua curta vida, Frantz Fanon deixou várias obras escritas e publicadas, podendo citar, por exemplo, *Os condenados da Terra* (1961) e *Pela Revolução Africana* (1964).

Na abertura da obra, *Pele negra, máscaras brancas*, é possível identificar o seguinte problema: “o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa”; e a tomada dessa branquitude tem

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande/MS, Brasil. E-mail: [dholjipa@gmail.com](mailto:dholjipa@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande/MS. Professora do Instituto Federal Goiano/Campus Ipameri – IF Goiano, Brasil. E-mail: [rozanealonso@gmail.com](mailto:rozanealonso@gmail.com)

início a partir da colonização francesa, bem como a influência da “nação civilizadora” (FANON, 2008, p.34).

Em seu livro, o autor comenta que há uma extraordinária potência do negro (colonizado) antilhano perante seus pares ao tomar posse da linguagem do colonizador. Desse modo, é possível perceber que os negros colonizados fluentes e na posse da língua do colonizador, melhor serão ‘bem vistos’ perante os franceses, bem como frente aos seus pares. Nesse sentido, é possível inferir que uma das marcas do colonialismo é a linguagem, forjada por meio de uma suposta superioridade.

Por outro lado, Fanon explica que “todo povo colonizado nasce com um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da originalidade cultural” (FANON, 2008, p.34), ou seja, quanto mais o colonizado assimilar os valores culturais do colonizador, mais escapará da sua ‘selva’. Daí, o processo de rejeição de sua negritão resulta em uma aproximação do branco, no sentido de ‘ser branco’. A esse respeito, o autor comenta que o “negro que conhece a metrópole é um semi-deus (sic) (FANON, 2008, p.35). A metrópole (França) representa o Tabernáculo.

O autor chama a atenção e comenta que muitos antilhanos, após uma estadia na metrópole, voltam para serem consagrados, sendo que, em boa parte quando voltam, desprezam sua língua nativa, o patoá. Patoá é denominado linguajar crioulo, onde não se aprende na escola e certas famílias o proíbem. O ideal é dominar o Francês, e isso é ser um ‘quase-branco’.

A respeito disso, o autor segue explicando que “[h]á um fenômeno psicológico que consiste em acreditar em uma abertura de mundo na medida em que as fronteiras, cada vez mais, perdem importância” (FANON, 2008, p.36). Este negro sofre o que Fanon descreve e denomina de “amputação do ser”, retratando um cenário no qual o antilhano, ao voltar da França, tece suas conversações em francês e frequentemente não compreende mais o Patoá. Nesta perspectiva, o negro se identifica como “quase-branco” por meio da linguagem.

Na questão da linguagem, Fanon discorre sobre o uso do “*petit-nègre*”, que é uma versão simplificada do Francês. Em sua discussão, o autor escreve que o falante de *petit-nègre* se autossubalterniza frente ao linguajar colonialista. Assim explica: “responder em *petit-nègre* é enclausurar o negro com corpos estranhos extremamente tóxicos” (FANON, 2008, p.48).

Diante disso, Fanon traz à reflexão duas problemáticas: “[d]e onde provém esta alteração da personalidade? De onde provém este novo modo de ser?” (FANON, 2008, p.39). Os questionamentos do autor levam os leitores a refletir sobre a produção do sujeito em meio

aos fatores históricos decorrentes dos discursos e da linguagem, principalmente quando o negro adota uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu e isso, para Fanon, “representa um deslocamento, uma clivagem” (FANON, 2008, p.40).

Além da questão da linguagem, é possível entender que estar próximo ao branco colonizador é também uma forma de se sentir superior perante outros negros colonizados. Essa relação é percebida quando no texto o autor comenta que boa parte dos antilhanos envergonham-se de serem confundidos com senegaleses. Importante destacar que tanto os antilhanos quanto os senegaleses, em sua grande maioria, são negros e tiveram em sua colonização a França como país colonizador.

No entanto, os antilhanos não se consideram iguais aos negros senegaleses, uma vez que, em sua subjetividade, detêm o sentimento de “evolução” ou, em outras palavras, “evoluídos”, por estarem mais próximos aos brancos, gerando então uma autoridade maior sobre os demais senegaleses considerados “não evoluídos”. Assim, “os antilhanos desprezam a infantaria senegalesa e reinam sobre a negada como senhores incontestáveis” (FANON, 2008, p.41).

Percebe-se que a colonização também produz uma atitude paternalista do colonizador, o qual entende o negro como um ser inferiorizado ou, como cita, Fanon (2008): “(...) no caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem “um longo passado histórico” (FANON, 2008, p.46).

O autor ainda comenta que houve um movimento da negritude, iniciado em 1930 pelo poeta Aimé Césaire, onde provavelmente esteja a origem dos esforços negros em provar ao mundo dos brancos que existe uma civilização negra. Fanon comenta que o propósito é a desalienação do negro frente à ausência de discernimento diante do branco. Para explicar, é dado um exemplo: “[u]m senegalês aprende o crioulo a fim de passar por antilhanos: digo que há alienação. Os antilhanos que o percebem multiplicam suas gozações: digo que há ausência de discernimento” (FANON, 2008, p.49).

No decorrer do texto, o autor vai oferecendo ao leitor vários exemplos que torna a leitura agradável e capaz de compartilhar o que busca defender, ou seja, que a colonização é voraz ao ponto de fazer um negro sentir-se branco.

Um desses exemplos consiste na relação de homens/mulheres brancas e mulheres/homens negros. A fim de explicar a relação da mulher negra com o homem branco, Fanon utiliza o romance autobiográfico *Je suis Martiniquaise* de Mayotte Capécia, cuja autora é negra e vive em seu cotidiano uma relação com um homem branco. Assim conta o romance:

Mayotte ama um branco, e por ele aceita tudo. Ele é um senhor para ela. Em contrapartida, ela só exige um pouco de brancura.

O romance citado mostra que, além do amor das mulheres pelos homens brancos, o que elas realmente amavam era a oportunidade de serem/estarem com os homens brancos, principalmente por seus olhos azuis e cabelos louros. Muitas mulheres, em vez de se aceitarem como negras, foram circunstanciando os fatos, tendendo ao “lactiforme” (FANON, 2008, p.57). São discursos produzidos por uma parte dos negros que engendram o embranquecimento da raça como sendo uma espécie de ‘salvação’, ou seja, quanto mais se relacionam com os brancos, ou mesmo com os mestiços, assegura-se o processo de brancura ou branqueamento.

Neste sentido, Fanon traz o exemplo de uma mulher antilhana que estudava na França. Ela afirma que nada no mundo a faria casar com um negro e questiona: “os brancos por acaso reivindicam a própria cor?” (FANON, 2008, p.58). Este questionamento se dá pelo movimento de reivindicação da cor negra, por Césarie, afirmando que é uma maldição. “O importante é não sombrear de novo no meio da negrada, e qualquer antilhana se esforçará em escolher, nos seus flertes ou relações, o menos negro” (FANON, 2008, p.57). Percebe-se que, no exemplo dado, o próprio negro perante seus pares apresentava um comportamento fóbico ou, como denominado por Fanon, de “negrofóbos” (FANON, 2008, p.61).

Por meio dessa alienação psíquica do negro, o autor recorre aos escritos de Anna Freud que discorre sobre o fenômeno da inibição do ego. Com isso, entende-se que a porta de saída deste domínio dá-se no mundo branco. Essa vontade de ser poderoso como o branco “parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego” (FANON, 2008, p.60). Fanon traz à cena o romance de Abdoulaye Sadjí, a fim de compreender como se apresenta as relações de uma “mulher de cor” com o europeu. Tal situação é exposta a partir de dois tipos de mulheres, a negra e a mulata, ambas colonizadas. A primeira se preocupa em como embranquecer, já à segunda, além do embranquecimento, pesa a regressão, ou seja, trata-se sempre em manter relações com homens brancos ou com homens menos negros ou que provavelmente possuem a pigmentação da pele mais clara.

Como mostra Fanon, pesa a ideia da regressão, uma vez que a mulata também é quase branca. Assim, essa tentativa aspirante das mulheres “pretas” de serem admitidas como uma “branca” denomina-se “eretismo afetivo” (FANON, 2008, p.66). É importante ressaltar que o autor aborda essa alienação por meio de suas descrições ao longo do livro. Comenta também

que o escravo é escravo de sua inferioridade e assemelha-se a um tipo de “neurótico obsessional” (FANON, 2008, p.66).

Observa-se nesta obra que o colonizado, enquanto desejo, residia em ter os brancos sob a sua ordem, de ser temido ou respeitado. Ou seja, um processo de oprimido a opressor. Com isso, o negro enquanto chefe vinga-se da imagem que teve ao longo de sua vida: um “preto” humilhado pelo senhor branco, vivendo sempre com medo.

A questão do racismo também é uma das problemáticas abordadas no texto. Fanon afirma que o racismo colonial não difere de outros racismos, ou seja, em um povo colonizado, ou não, o racismo é sempre racismo. O autor vai mais fundo dizendo que “é o racista que cria a inferioridade” (FANON, 2008, p.90). Também é eloquente no que compete à criação da personalidade.

Fanon desacredita na possibilidade de que o complexo de inferioridade esteja ligado à cor da pele e crítica a negação de que não há processos psíquicos pré-existentes à chegada dos europeus. O que acontece é um tumulto de horizontes e de mecanismos psicológicos. Na questão da personalidade, o autor comenta que é necessário avaliar as relações internas entre a consciência e o contexto social e, a partir desse contexto social, agir na mudança das estruturas sociais, a fim de tomar consciência a “respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais” (FANON, 2008, p.96). A criação de personalidade, o branqueamento, a alienação, o racismo, esses e outros acontecimentos são todos atravessados pelo corpo dos negros.

Fanon explica que os corpos dos negros são atravessados por olhares densos de incertezas. Olhares que, sobretudo, na historicidade foram produzindo os sujeitos negros como objetos, sem consciência, sujeitos atrasados mentalmente. A historicidade também é capaz de criar no imaginário uma condição ruim ou desfavorável, a qual pode ser entendida como algo obscuro, próximo da cor preta. Um “complexo inato” reinava sobre os corpos dos “homens de cor”, sendo que para isso há uma solução: “fazer-se reconhecer” (FANON, 2008, p.108). Neste sentido, é posto a objetividade da consciência, ou seja, a consciência de si próprio.

Essa imagem de inferiorização é produzida e reproduzida sobre uma verdade produzida por meio de discursos da branquitude. É a partir dessa inferiorização que o negro se autorregula, mantendo-se em seu espaço. Fanon (2008, p.135) retrata que até 1940 nenhum antilhano era capaz de se considerar “preto”. O autor supõe que a negação do branco perante o negro vai além da epiderme. Trata-se também de aspectos sexuais e biológicos. “Ele, o

branco, tem a necessidade de se defender deste diferente”, isto é, de caracterizar o outro (FANON, 2008, p.147). Tudo isso nada mais é do que o inventário do real.

Existem pontos no livro, além dos mencionados, que merecem uma abordagem mais crítica. Uma delas se refere às aproximações que Fanon faz entre a questão racial e o marxismo. Para Fanon, a perspectiva marxista a partir do materialismo histórico dialético permitiu, de alguma forma, uma reflexão da identidade negra e, nela, o surgimento, ou pelo menos a possibilidade de se criar elementos que dessem conta de abordar as múltiplas opressões. Desse modo, tanto Fanon quanto estudiosos do materialismo histórico dialético problematizaram como essas duas perspectivas de lutas sociais poderiam se articular em busca de uma identidade de luta conjunta, principalmente de classes.

As relações estabelecidas entre os escritos de Fanon e o marxismo vão se aproximando na medida em que questões de inferioridade vão sendo percebidas como foco de produção e divisão social, especificamente, de classes. Uma análise detalhada da obra de Fanon mostra que tanto as questões raciais quanto as questões de divisão social do trabalho se organizam como mecanismos e estratégias econômicas de manipulação da identidade dos sujeitos, caracterizados como inferiores (neste caso, negro, para Fanon, e a classe trabalhadora/proletariado, para o marxismo).

Outro ponto relevante, a ser discutido a partir do livro, se refere às questões de gênero que vão sendo introduzidas de forma simplista nos escritos de Fanon. Mesmo que as discussões em torno das discussões de gênero tenham se resumido a problematizar relações entre mulher de cor/homem branco e mulher branca/homem de cor, o autor, de alguma forma, criou possibilidades de iniciar as indagações frente às questões mais subjetivas que envolvem o gênero. O autor permitiu indagar como a cor e o gênero vão se articulando para produzir identidades inferiores nas relações estabelecidas como doutrina do corpo feminino e do corpo masculino.

Não se trata, mesmo que a obra de Fanon não tenha dado ênfase às implicações que os modelos doutrinários estabeleciam, principalmente, as orientações sexuais da época, de negligenciar seu manuscrito em função destas discussões não se inserirem de forma mais densa e complexa. Trata-se, ao contrário, de mostrar as possibilidades que suas indagações produzidas ao longo da obra permitiram aos estudiosos da contemporaneidade problematizar as relações sociais, especificamente, entendendo que máscaras passam por outros corpos, outros gêneros.

Para concluir, infere-se que, ao longo do texto, é desenhado como o discurso do colonizador se insere tão fortemente no contexto do colonizado e como o colonizado, ao estar mais próximo do branco, coloca-se ao patamar de autoridade, tornando-se um “quase-branco”. Talvez daí surge o título do livro *Pele negra, máscaras brancas*. Trata-se de formas de embranquecimento do negro colonizado. Deste modo, é preciso verificar e problematizar o “inventário do real”, bem como não se enclausurar o passado no sentido de “ressuscitar uma civilização negra injustamente ignorada” (FANON, 2008, p.187). É preciso parar a servidão do homem pelo homem.

Finalizamos fazendo das palavras de Fanon, as nossas, como se fosse a última prece: “[ô] meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!” (FANON, 2008, p.191).

## Referências

FANON, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. (2008). “A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra”. *Revista Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, n. 81, pp.99-114, Jul.